



Editorial

Organizador: Henry Burnett

Com a colaboração de Francisco Pinheiro Machado e Luciano Gatti.

O número 8 da revista *Limiar* reitera de várias maneiras a multiplicidade das leituras da obra de Nietzsche dentro da recepção brasileira recente. Um dos pontos que chama atenção é a forma da maioria dos artigos. Na contramão da lepidéz que tem animado a maioria dos nossos periódicos, resultado das pressões nem tão silenciosas por produtividade, o dossiê Nietzsche recebeu artigos longos, rigorosos e sobretudo de qualidade incontestável.

O dossiê abre com uma tríade de autores em torno de *O nascimento da tragédia*, primeiro livro de Nietzsche e que mais recebeu atenção dos colaboradores. Wander de Paula expõe a influência de Aristófanes sobre a obra do jovem Nietzsche, fazendo notar que a relação entre Sócrates e Eurípedes não foi analisada pela primeira vez por Nietzsche, antes que este já era um tema desde a antiguidade. Recuperando textos pouco frequentados, o autor constrói um quadro amplo do que ele chama de 'Nietzsche aristofanesco'. Ainda dentro do que chamamos de 'obra juvenil', Ricardo Della Vecchia se lança sobre a *Tentativa de autocrítica*, prefácio tardio escrito por Nietzsche em 1886 para a 2ª edição de seu primeiro e mais controverso livro. Tomando os termos 'sério' e 'pesado' como motes, o autor dialoga com a interpretação ficcionalista de H. Vaihinger e mostra que os prefácios de 86, onde se inclui a *Tentativa de autocrítica*, ainda possuem um lugar único no conjunto da obra de Nietzsche. Na sequência, como a comprovar o que acabo de dizer, Víctor Hugo Mazia foca o mesmo prefácio, ainda que com intenção distinta. Para o autor, é possível defender o teor ambíguo do primeiro livro no que diz respeito a metafísica; a *tentativa de autocrítica* permitiria defender tanto a libertação da metafísica como sua continuação enviesada.

Newton P. Amusquivar Jr. segue o caminho da retomada de Kant e Schopenhauer para expor a crítica de Nietzsche à 'liberdade inteligível' em *Humano, demasiado humano*. O autor pretende mostrar como, neste livro, Nietzsche dá vazão à sua primeira posição demarcada contra a moral.

Isadora Petry assume a difícil tarefa de trazer novamente à tona a relação entre Nietzsche e Wagner, tensão epocal que determinou grande parte da discussão estética nos fins do século XIX. Se, por um lado, a autora enfrenta o problema do diagnóstico crítico de Nietzsche contra Wagner munida de forte aparato bibliográfico, por outro, de modo destacado, introduz com propriedade o elemento da 'dança moura' como antídoto contra o drama musical wagneriano.

Partindo de um diagnóstico de nossa época, Wanderley J. Ferreira Jr. se apropria da visão de Nietzsche sobre o homem moderno para sugerir uma possibilidade de emancipação diante dos desafios que o momento histórico nos lança. Para isso, recoloca a dimensão formativa de alguns textos essenciais de Nietzsche sobre educação, em busca de saídas para o entrave do presente.

André Luis Muniz Garcia cumpre uma tarefa que considero fundamental: a leitura e livre troca de ideias entre os pares da Pesquisa-Nietzsche brasileira. Partindo da interpretação naturalista de autores reconhecidos no cenário nacional, com ênfase no trabalho do professor Rogério Lopes, da UFMG, o autor toma posição na discussão servindo-se de *Humano, demasiado humano* e *Para além de bem e mal*. Seu esforço introduz uma visão distinta da leitura naturalista, incrementando o debate e a área como um todo.

Oswaldo Giacoia Junior coloca em cena o assim chamado 'segundo Wittgenstein' junto com Nietzsche. Sua intenção é apontar mais semelhanças que dissensões, principalmente uma unidade, no interior da filosofia da linguagem, entre os dois autores; para o autor, ambos recusam tanto o idealismo essencialista quanto o ceticismo filosófico.

Ernani Chaves retoma seu pendor filológico em um artigo dedicado a elucidar uma frase enigmática de Nietzsche em *O crepúsculo dos ídolos*, 'Platão é entediante'. Como sua reconhecida capacidade em dissecar semanticamente fragmentos e passagens nem sempre percebidas por leitores apressados, o autor apresenta todo o contexto tardio, quando Nietzsche retorna a Platão em um dos seus livros mais importantes.

Encerrando a seção de artigos, Carlotta Santini, colaboradora internacional deste dossiê, nos brinda com um belo texto sobre Nietzsche e o carnaval. Refazendo com zelo os caminhos do filósofo pela Europa, mormente pela Alemanha e pela Itália, a autora mostra quais eram afinal as impressões de Nietzsche sobre a festa. Não bastasse este esforço, Santini recupera o livro de Goethe sobre o carnaval romano, e é esta obra pouco lida que acaba servindo como um guia seguro, que a autora mobiliza para nos fazer entender o que era essa festa antes de seu esvaziamento.

Isadora Petry resenha ainda o livro de Bruno Martins Machado, *Nietzsche e Réé: psicólogos e espíritos livres* (PHI, 2016); Roberto Barros resenha *Racionalidade – uma história universal. Cultura europeia e Globalização* (Editora UNICAMP, 2015), de Silvio Vietta e o editor deste dossiê resenha um dos livros mais importantes da história da recepção do filósofo no Brasil, *Nietzsche e a verdade* (Editora Paz e Terra, 2017), de Roberto Machado, cujo relançamento recente merecia mais atenção.

Gostaria de agradecer aos meus colegas Francisco de Ambrosio Pinheiro Machado e Luciano Gatti pelo apoio fundamental durante a organização do material e também a Marco Antonio Sabatini Ribeiro e Leonardo Silva pela leitura e correção de alguns artigos. Esperamos que este dossiê cumpra ao menos em parte sua intenção de desatar a leitura de Nietzsche de certa normatividade que, muitas vezes, ao tentar dissecar sua obra como um objeto, deixa escapar sua principal característica: a de ser inclassificável. As leituras múltiplas e os usos diversos da obra de Nietzsche, bem representados neste dossiê, atestam a necessidade do ilógico e a importância dos antagonismos, dupla motivação que estava na origem deste dossiê. Como resultado, o conjunto de textos aqui reunidos reitera o que talvez seja o grande diferencial de Nietzsche, a capacidade de se deixar atravessar pelas necessidades do presente sempre em movimento.

Henry Burnett